



Prato de Ciência - Arroz com feijão

75 anos de “Geografia da Fome”

Adriana Salay

VINHETA: samba de umbigada

ADRIANA: Olá, pessoal! Tudo bem? É um prazer enorme estar com vocês hoje. Eu sou Adriana Salay, sou historiadora de formação e hoje desenvolvo um trabalho sobre a Fome a partir da perspectiva do Josué de Castro. E tô aqui hoje para falar sobre a importância do livro “Geografia da Fome”, que completa 75 anos. E apesar dele não ser um livro muito conhecido hoje, inclusive também não é Josué de Castro, é um livro muito importante para gente entender o Brasil. Inclusive a situação que a gente vive hoje. A proposta da conversa é a gente olhar um pouquinho para o entendimento da fome, como a fome era encarada, e qual foi a contribuição do Josué de Castro e do livro “Geografia da Fome” naquele momento, 1946, e que ainda nos dá um legado do seu entendimento sobre o fenômeno da fome.

ADRIANA: Durante a pesquisa de doutorado, a gente entendeu que a fome era principalmente encarada como crise no Brasil. É importante a gente falar, que quando a gente tá falando de fome aqui, a gente não tá falando de sensação biológica, que todo mundo sente. A gente não almoçou, nesse momento a gente pode estar sentindo fome, mas ela pode ser facilmente saciada para quem tem acesso ao alimento. Quando eu estou falando de fome, quando Josué de Castro falava de fome, a gente tá falando de um fenômeno social e coletivo, que é biológico, mas é biológico de causas sociais. Como também diria o nosso Josué de Castro. Nesse caso se a família tá sentindo fome ela não vai ter a fome saciada, porque ela não tem acesso ao alimento. E essa fome coletiva, que interessava o Josué de Castro, que a gente percebeu que era encarada como crise, enquanto fenômeno social e coletivo. O que que eu quero dizer com isso? Que quando o termo fome aparecia nos jornais, aparecia na imprensa, isso queria dizer que era um fenômeno deslocado da realidade. Era uma coisa que não acontecia no curso normal da nossa sociedade. Então fome estava principalmente vinculada, no caso do Brasil, à dois fenômenos, que eram: as secas sertanejas, por exemplo, um tempo prolongado sem chuva na região da caatinga, que por um sistema social imensamente desigual nessa região, fazia com que uma parcela importante da região se deslocasse, por causa da fome. Eles não conseguiam plantar alimento, não tinham fonte de acesso ao alimento e precisavam se deslocar. Essas situações no Brasil eram situações geradoras de crise de fome, que tinham uma ampla repercussão na imprensa e na literatura brasileira. É só a gente lembrar, por exemplo, do que foi chamado de Romance regionalista, ou Romance de 30. De obras de autores como Jorge Amado, Rachel de Queiroz, José Américo de Almeida com o livro “A Bagaceira”, que

tinham na seca, no retirante, nas situações de crise de fome, seus personagens e construíam também uma ideia de fome, de pobreza a partir dessas situações de seca. Outro momento em que a fome também era muito chamada, o termo fome aparecia com frequência eram crises de abastecimento urbanas. A gente tem principalmente na virada para o século XX uma intensificação da urbanização do Brasil, que não acompanhou o fornecimento de alimentos na mesma medida. Então a gente começa a ter a intensificação de crises de abastecimento urbanos, que eram conhecidas pelo termo “eucaristia” e que faziam com que a fome aparecesse com frequência também. Mas se vocês observarem ambas as situações são situações fora de uma situação “normal”, fora de uma situação cotidiana, em situações específicas, que tinham um período de duração e que fora desse lugar o termo fome não aparecia com tanta frequência. A gente consegue observar, por exemplo, os usos do termo fome na seca de 1932, que foi uma seca muito importante para o Brasil, uma seca muito intensa e que trouxe muitas narrativas para os jornais brasileiros. Eu tenho aqui separado para vocês, gostaria de ler só duas citações que o termo fome aparece para vocês terem ideia da intensidade que eram esses fenômenos da seca no sertão. “Os filhos dos sertões desolados se embrenham pelas caatingas, em busca de macambiras que mitiguem a sede e a fome. Muitos morrem de inanição, à margem das estradas não é raro encontram-se um, dois ou três cadáveres.” Em outro trecho do jornal a gente encontra a seguinte citação: “O diário de notícias lembra a propósito a cena de canibalismo que se verificou na última seca, próximo à cidade de Juazeiro. Alucinados pela sede, os pais de uma criança agonizante sangraram-na para chupar o sangue.” Esses relatos são muito intensos, assim como vários outros que foram encontrados na imprensa brasileira e a gente fica um pouco estarecido, de ver uma cena de canibalismo no sertão do Brasil. As vezes as pessoas me perguntam se essa cena é real, se efetivamente aconteceu. É claro que tem uma citação, então a gente não tem prova cabal de que é a cena de canibalismo aconteceu, mas se a gente comparar com outras crises de fome, que aconteceram no mundo, na Segunda Guerra Mundial, por exemplo, que matou muita gente de fome, a gente vai falar sobre isso. Na Índia, diversos lugares do mundo, que tiveram crises de fome grandes, aquela crise da batata na Irlanda, no século XIX. Todas acompanham cenas de canibalismo, canibalismo que chamamos de canibalismo de exceção. Quando uma sociedade não canibal, chega a cometer atos de canibalismo tamanha, tão intensa é sua situação de fome que aconteceu. Então a gente pode afirmar que essas cenas aconteceram aqui no Brasil, porque é comum a todas as grandes crises de fome, infelizmente essas cenas de canibalismo. O que mostra também a intensidade desses fenômenos no Brasil.

1932 também foi um ano importante para Josué de Castro, foi ano em que ele defendeu a tese para se tornar professora da Faculdade de Medicina do Recife, dando aula de fisiologia. Quem era o Josué de Castro nesse momento? Josué de Castro nasceu em 1908, é um pernambucano, recifense, que se formou em medicina. Ele cursou medicina primeiro na Faculdade da Bahia, depois acabou se formando no Rio de Janeiro e voltou para sua cidade natal, para clinicar na área de fisiologia. Que era uma área que estava nascendo naquele momento e a gente vai falar um pouquinho sobre isso também. No começo ele formou uma clínica para, como dizia ele, “engordar e emagrecer senhoras da elite recifense”,

mas depois ele vai mudar os rumos da sua profissão. O Josué de Castro começou a entrar em contato ali com uma ciência que estava nascendo e que ficaria mais conhecida como a ciência da nutrição. Para gente hoje é muito natural contar os alimentos nos termos calóricos e vitamínicos, a gente sabe por exemplo que uma laranja tem muita vitamina C, e a gente sabe também que uma laranja tem uma certa quantidade de calorias. Eu não sei, por exemplo, 90 calorias. Essa capacidade de contar os alimentos, apesar de hoje ser muito comum para gente, é uma ferramenta científica muito recente em termos históricos. Ela data da virada do século XIX para o século XX, e começa a ser usada no Brasil nesse período que o Josué de Castro estava atuando, principalmente a partir da década de 1930. O Josué de Castro vai ser muito influenciado por esse novo paradigma científico, como a gente chama de paradigma calórico e o paradigma vitamínico, e vai fazer da sua profissão nessa área de fisiologia. Com essas ferramentas em mãos, em 1935 o Josué de Castro lançou um estudo que vai ser muito importante para gente ampliar o conceito de fome no Brasil. Em 1935 ele lança o estudo “As condições das classes operárias” que chamava no Recife e depois ele mudou para Nordeste. Foi o primeiro estudo brasileiro que recortou a alimentação das classes operárias. Outros estudos já tinham sido feito sobre a alimentação no Brasil, o que as famílias comiam nos lares, mas esse estudo deu para gente subsídios para entender o que os pobres comiam, falando claramente. E qual foi a conclusão que chegou Josué de Castro neste estudo, que foi tão importante para gente? O consumo médio calórico das famílias era muito inferior ao indicado para a época. O indicado para época era de 3000 a 4000 calorias, e ele chegou a conclusão que o consumo médio por pessoa era de 1645 calorias. Isso se a gente for falar só em calorias. Em termos nutricionais mais amplos era muito deficiente a alimentação, que era baseada principalmente em cinco ingredientes: feijão, farinha de mandioca, charque em pequeníssima quantidade, café e açúcar. O consumo de vegetais, frutas, legumes e verduras era muito baixo. E uma coisa muito importante também, ele fez uma ligação entre renda e alimentação. Josué de Castro chegou a conclusão que as famílias gastavam 71% da renda em alimentação, e ainda para ter essa alimentação muito deficiente. Com isso, trouxe uma noção de uma alimentação cotidiana deficiente. Então ele chega a conclusão que, qualquer pessoa que possua noções gerais de alimentação pode se perguntar: como se pode comer assim e não morrer de fome? E só há uma resposta a dar, se bem que desconcertante, como? Morrendo de fome. Por quê? As famílias comiam todos os dias, mas comiam de modo insuficiente. Então se elas não fossem morrer de inanição, que é a ausência total de alimentos, elas morreriam de doenças associadas à má alimentação. Esse trabalho teve um imenso impacto e o Josué de Castro começou a inclusive a atuar na luta contra a fome, na luta direta contra a fome, participando de governos, como do Governo Getúlio Vargas, formando equipamentos públicos de combate a fome, tratando da alimentação do trabalhador, na formação de políticas do que vai ser a merenda escolar, que hoje a gente chama de alimentação escolar, e uma série de outros trabalhos na luta contra a fome. E começou-se a falar ali, não só ele, outros pensadores também, numa deficiência cotidiana da alimentação. Se a gente lembrar desse momento na história, a gente vai lembrar também que estava acontecendo a Segunda Guerra Mundial, que foi um dos momentos onde o tema da fome ficou muito

latente. Porque estima-se que morreram de fome de 19 a 20 milhões de pessoas nesse momento, durante a Segunda Guerra Mundial. Que é um número maior do que a perda em combates militares nessa guerra. Isso significa que a Guerra foi muito violenta, as crises de fome e o tema apareceu com muita frequência na imprensa. O que vai fazer Josué de Castro? Em 1946, ele lançou o livro “Geografia da Fome”, que agora completa 75 anos. Um ano depois do fim da Segunda Guerra Mundial. O tema da fome estava aparecendo com bastante frequência na imprensa, principalmente vinculado a essas grandes crises de fome. No livro “Geografia da Fome”, o que vai dizer Josué de Castro? Que a fome pode ser de diversos tipos, crises de fome, que é o que ele vai chamar de fome epidêmica, e essa fome estrutural cotidiana, que é a fome endêmica. A fome endêmica ela não precisa de uma crise, de uma saída da normalidade para acontecer, ela acontece todos os dias, no cotidiano da população, porque ela é fruto da desigualdade social, que vai dar um acesso deficiente para uma ampla camada da população empobrecida que não vai conseguir esse alimento de forma digna, em quantidade suficiente. E o que vai dizer Josué de Castro nesse livro? Ambas as fomes são importantes e ambas as fomes precisam ser combatidas na mesma medida. Com isso, o Josué de Castro eleva a importância da fome estrutural e cotidiana no mesmo nível das crises de fome que estavam acontecendo ali na Segunda Guerra Mundial. Também vocês podem lembrar que foi nesse período, no fim da Segunda Guerra Mundial, que nascem organismos importantes de combate à fome, como a FAO, por exemplo, que vai nascer deste contexto. E a partir da obra de Josué de Castro vai começar a se discutir não apenas as crises de fome, mas também essas fomes estruturais e cotidianas que fazem parte do dia a dia da população. Também ele estava ali num momento conhecido como Desenvolvimentista, estavam começando a se intensificar teorias de desenvolvimento da sociedade, que a sociedade deveria caminhar para industrialização e desenvolver sua população, e por isso também trabalhadores alimentados eram importantes para que o Brasil pudesse caminhar para um lugar de desenvolvimento. Também para preencher uma indústria que estava nascendo ali naquele momento.

No livro “Geografia da Fome”, o Josué de Castro vai dividir o Brasil em áreas específicas de fome, Por exemplo, o Sertão Nordestino era uma área de fome epidêmica, porque tinha esses surtos que a gente já comentou. Já o Litoral Açucareiro, como ele vai chamar, era uma área de fome endêmica. Assim como a área Amazônica. Identificar esses fenômenos de forma distinta é importante, porque eles precisam de políticas públicas e atuações de formas distintas também. Levando o livro do Josué de Castro para o momento atual, acho que essas duas ferramentas que ele nos deu são muito importantes para gente entender o que está acontecendo agora, no momento em que o livro dele completa 75 anos. É muito triste a gente pensar que o Josué de Castro foi uma pessoa muito importante na luta contra a fome, ele foi presidente do conselho da FAO, foi deputado federal por Pernambuco por dois mandatos, ganhou vários prêmios e concorreu ao Nobel duas vezes,. Ele foi uma figura fundamental no combate à fome, mas a fome insiste em permanecer e 75 anos após a publicação de seu livro a gente vive hoje uma imensa crise de fome. Por que eu acho que esses dois conceitos são tão importantes para gente entender esse momento atual? A fome estrutural esteve presente no Brasil, ela não é fruto da pandemia,

ela é fruto dessa sociedade desigual que a gente implementou, que dá diferentes acessos às pessoas. Como diz o Ailton Krenak “que classifica as pessoas mediante à sua capacidade de acesso”, então a gente tem pessoas que são dignas de acesso à uma alimentação saudável, e outras pessoas que a sociedade julga indignas de acesso. E essa fome insiste em permanecer. No começo dos anos 2000 a partir do Programa Fome Zero a gente viu melhoras nesses índices, em 2014 o Brasil saiu do mapa da fome, mas a fome não saiu do Brasil, porque os índices ainda eram importantes. Só que essas melhoras pararam de acontecer a partir de 2016, com o dismantelamento de políticas públicas de combate à fome e também com uma recessão econômica, que aumentou a taxa de desemprego e diminuiu o poder de compra da população. Em 2018 a gente viu já pelos dados da última POF o aumento da fome no Brasil. O que aconteceu na pandemia? Essa fome estrutural- que já estava aumentando por uma conjuntura política e econômica - ela é intensamente ampliada por uma situação de crise que se instalou. Se a gente somar o que aconteceu, o fechamento da sociedade com o descaso do governo, a gente tem instalado uma imensa crise de fome. Que foi possível comprovar pelas duas pesquisas que saíram sobre a fome na pandemia, uma feita pela REDE PENSSAN e a outra feita pelo grupo *Food for Justice*, ambas dizem que: hoje mais da metade da população brasileira está em algum nível de insegurança alimentar. E é importante que a gente não coloque só a fome no seu estágio final, que hoje é considerado de insegurança alimentar grave. Porque a insegurança alimentar moderada e leve, elas são fenômenos importantes que a gente precisa lidar com elas. Então eu prefiro falar em mais da metade da população em algum nível de insegurança alimentar. A gente atinge uma situação de crise hoje, que seria a fome epidêmica nos termos de Josué de Castro, a partir desses inúmeros fatores que a gente falou. E essas duas ferramentas que o Josué de Castro nos deu, são importantes porque elas também indicam as soluções necessárias para o fim da fome. Para lidar com uma fome epidêmica a gente tem que falar em medidas emergenciais, por isso é tão importante que hoje a sociedade civil se organize para combater a fome frente à essa inoperância do Estado. Distribuição direta de alimentos, de marmitas, atender a população de rua, são medidas fundamentais nesse momento. Também é importante que a gente cobre o Estado dessas medidas emergenciais: distribuição de alimentos, da compra direta do agricultor familiar, intensificação de programas como o Bolsa Família, que agora está esse outro projeto aí, e outras medidas de distribuição direta, ampliação do Bom Prato, por exemplo, medidas específicas para combater a fome epidêmica. Mas o fim da fome, já vai dizer fome estrutural, ele só vai acontecer quando a gente combater efetivamente a desigualdade estrutural da sociedade. Por isso que essa ferramenta que nos trouxe o Josué de Castro é tão importante, porque ela aponta e a carreira do Josué de Castro mostra isso, que o fim da fome precisa de medidas estruturais. O Josué de Castro em sua atuação, no fim da sua vida ele vai brigar muito pela Reforma Agrária, ele vai dizer “o fim da fome só vai acontecer, quando acontecer o fim do latifúndio, porque a fome é fruto dessa desigualdade”. E o tema da Reforma Agrária é fundamental para gente falar do fim da fome, como combater a desigualdade no campo ela é muito importante por dois motivos, pelo menos: um, que você dá acesso à terra para quem quer plantar, e com isso melhores condições de vida no campo, melhor remuneração, faz com que essa família fique

no campo e não vá para a cidade em condições péssimas de trabalho. Ao mesmo tempo que você aumenta a produção de alimentos no campo e faz com que a gente tenha acesso a mais alimentos *in natura*, que é o alimento mais indicado para a população brasileira. Por isso que os 75 anos desse livro tão fundamental precisa ser debatido e falado. E mostra que apesar de 75 anos, o “Geografia da Fome”, continua sendo o livro imensamente atual nesse Brasil tão desigual.

Obrigada pelo convite e espero que a gente possa se falar outras vezes.

VINHETA: samba de umbigada